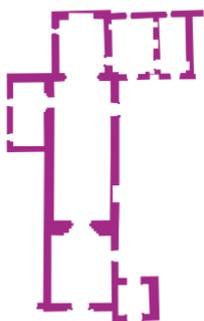


51.

MOSTEIRO DE SÃO MARTINHO DE MANCELOS



Rua Central
Mancelos
Amarante



41° 16' 29,61" N
8° 9' 26,08" O



918 116 488



Sáb. 20h30 (ver.)
Dom. 7h (inv./ver.)
e 9h45 (inv.)



São Martinho
11 novembro



Imóvel de Interesse
Público, 1934



P. 25



P. 25



x

O Mosteiro de Mancelos ergue-se nas proximidades de Amarante e nos limites da diocese do Porto, num lugar onde ainda hoje prevalece a agricultura como principal atividade. Desde sempre, e particularmente na Idade Média, que os mosteiros se mostraram muito atraídos pelos férteis terrenos agrícolas, daí advindo a sua principal subsistência. E estes, tanto melhores se mostravam se permitiam ainda a prática da pastorícia e se, nas suas proximidades, possuíam bosques para o fornecimento da tão fundamental madeira.

Conforme dados da *Bula* de Calisto II (p. 1119-1124), este cenóbio já existia, pelo menos, em 1120, pelo que a sua fundação é, com certeza, anterior, coincidindo com o período de vida de Garcia Afonso e Elvira Mendes, primeiros da linhagem dos Portocarreiros. Foi aos descendentes destes, nomeadamente aos Fonseca, que Mancelos passou como padroado e espaço eclesial familiar, verdadeiro paradigma das igrejas próprias. Efetivamente, no século XIV, são em número impressionante os familiares deste Mosteiro que nele reclamavam direitos e réditos. Mancelos é um bom testemunho das estratégias privadas de fundação de estruturas monásticas, mais

D. FRANCISCO DA GUERRA

No século XIV, o Mosteiro foi várias vezes pouso para o arcebispo de Braga, D. Francisco da Guerra (?-1467) e seu séquito. De Mancelos, o arcebispo, ao mesmo tempo comendador do instituto monástico, lidou com a questão da regência após o falecimento do monarca D. Duarte I (r. 1433-1438). Regista-se a sua presença neste Mosteiro em 1433, 1439, 1449 e 1460, sendo, portanto, local privilegiado para os percursos e visitas do ativo prelado e talvez dos seguintes.

preocupadas com o domínio territorial do que com a criação de polos difusores de evangelização, daí que a cronística dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho desconheça em quase absoluto a história da fundação desta casa monástica.

Em 1540, D. João III (r. 1521-1557) doou Mancelos aos religiosos de São Gonçalo de Amarante (p. 278), o que o papa Paulo III (p. 1534-1549) confirmou dois anos mais tarde. Mancelos tornar-se-á a partir de então um polo da ação administrativa e evangelizadora dos

Pregadores amarantinos, tornando-se um dos complexos monásticos mais importantes daquela ordem em Portugal.

Hoje, Mancelos destaca-se pela variedade de estruturas que lhe dão corpo. A Igreja é antecedida por galilé ladeada por torre isenta e, na área do antigo claustro, ainda dele vemos memória na parede da sacristia. Embora tenha sofrido diversas transformações ao longo dos séculos, esta Igreja conserva significativas parcelas da época românica. A existência de uma inscrição gravada num silhar avulso, que



O PORTAL PRINCIPAL

O portal principal de Mancelos é, seguramente, um dos elementos que melhor nos permite aferir uma cronologia para a fábrica deste edifício. Ligeiramente quebradas, as suas quatro arquivoltas repousam sobre elegantes capitéis onde a escultura, de fino desenho, se prende já bastante ao cesto, aspeto denunciador do gótico que se aproxima. Partindo do modelo criado pelas volutas dos capitéis coríntios, motivos vegetalistas pouco relevados criam uma certa homogeneidade ao conjunto, apesar das diferenças compositivas existentes entre os vários capitéis.

Conjugando-se com motivos fitomórficos que desenham enrolamentos, identificamos aqui várias tipologias de folhas estilizadas e abertas ao modo de flor-de-lis e que lembram alguns exemplares da colegiada de Guimarães. Elaboradas impostas, formadas por elementos boleados que se sobrepõem, confirmam o caráter tardio do conjunto, cuja monumentalidade é reforçada pelos toros diédricos das arquivoltas, elemento de clara origem portuense e que encontramos noutros monumentos como Travanca (p. 212) ou Freixo de Baixo (p. 224), também em Amarante. O arco envolvente mostra-nos uma modinatura decorada com motivos geométricos encadeados. O tímpano liso é sustentado por duas mísulas onde foram esculpidas duas figuras, ao modo de atlantes, uma feminina, outra masculina.



ainda hoje se conserva no espaço onde outrora se erguia o claustro, junto da sacristia, remete-nos para o ano de 1166 (Era 1204). Apesar de esta inscrição nada nos indicar sobre a natureza do evento comemorado, além de que se encontra descontextualizada, a verdade é que a sua qualidade epigráfica leva a crer que reporte a um qualquer momento importante

da história de Mancelos, talvez a sagração ou a dedicação da obra românica. Não nos podemos esquecer que o Mosteiro já estava datado em 1120.

No entanto, os vestígios arquitetónicos remanescentes conduzem-nos para o século seguinte, pelo que é possível que a determinada altura se tenha realizado uma profunda obra de reconstrução em



Mancelos ou, então, que a sua edificação se tenha arrastado por um longo período. É no portal que o caráter tardio desta fábrica se torna mais evidente. Está ainda hoje abrigado pela galilé, o que explica o seu bom estado de conservação.

A galilé dá um espírito muito particular à fachada principal da Igreja de Mancelos. A par da diferenciação de volumes e do ritmo criado pelas ameias que mais lembram os modilhões de proa góticos, destacamos a monumentalização do espaço que antecede a entrada na Casa de Deus. A seu lado, a torre afirma-se na paisagem envolvente pela verticalidade que cria. A dupla sineira que a remata, voltada ao adro, denuncia no seu arranjo uma intervenção moderna, realizada no século XVII ou XVIII. Nos outros alçados persiste um conjunto de merlões de perfil piramidal.

Os alçados laterais da Igreja denunciam as transformações por que esta foi passando ao longo dos tempos: cicatrizes e vários tipos de aparelho falam-nos de acrescentos e de demolições; janelões retangulares remetem-nos para uma época em que se procurava dar outra luminosidade ao interior do espaço sacro. No entanto, ainda são visíveis várias siglas ao longo dos silhares.

No lado sul, onde em tempos existiu o claustro, um arcossólio rasgado na nave ao nível do pavimento guarda uma arca sepulcral. Na face frontal do túmulo vemos relevados um medalhão decorativo, uma cruz e dois ginetes. Nas proximidades, a curiosa fachada da sacristia: três arcos quebrados entaipados acolheram no seu interior, na Época Moderna, portas de lintel reto encimadas por óculos e uma vigia quadrilobada. Pensa-se que este espaço fosse a anterior sala capitular e que a Época Moderna converteu em sacristia.

No interior, apenas o arco triunfal permanece como elemento remanescente da época românica, apesar de os seus capitéis se mostrarem hoje picados, pois a Época Moderna sobrepôs-lhes elementos entalhados que as intervenções de restauro do século XX removeram. As arquivoltas não têm qualquer decoração e a imposta é idêntica à do portal principal.

Da campanha barroca resta apenas o retábulo-mor joanino e que ocupa toda a parede fundeira da abside. Aqui, uma modesta tribuna de quatro degraus e trono, sobrepujada por sanefa e ladeada por quatro colunas torsas, marca a centralidade da estrutura, para onde se dirige a atenção do fiel, quer durante a liturgia quando o sacerdote retira do sacrário o

INTERVENÇÕES DOS SÉCULOS XIX E XX

Durante a Época Moderna, além das transformações arquitetónicas, foram atualizadas a estética e o mobiliário litúrgico da Igreja monástica de Mancelos. No entanto, as grandes alterações contemporâneas influíram de forma determinante na organização do espaço eclesial, determinando a remoção de elementos decorativos e mesmo de património móvel e integrado.

Neste campo foram particularmente marcantes as datas de 1834 (extinção das ordens religiosas) e de 1911 (Lei da Separação do Estado da Igreja). Acrescentam-se, ainda, as intervenções de restauro tendencialmente puristas encetadas pela Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais ao longo do século XX e que procuraram em grande medida recuperar aquilo que se entendia ser a forma primitiva do monumento.

As próprias imagens, dentro da qualidade de património mobiliário, estão sujeitas a constantes mudanças, fruto de gostos coletivos e transferências dos afetos devocionais. Na ausência de inventários ou, quando estes existem, da deficiente pormenorização dos objetos, o investigador pode ser tentado a integrar, no percurso histórico do edifício, elementos que não se enquadram (ou fazem-no tardiamente) no contínuo cronológico da estrutura. Como tal, é com particular prudência que devemos assumir a inclusão do património atualmente afeto ao monumento.

alimento sagrado, quer ainda durante a exposição do Santíssimo Sacramento sobre o trono. Entre as colunas, em quatro mísulas, alçam-se as imagens do padroeiro (São Martinho de Tours), São Francisco de Assis e os santos dominicanos: São Domingos de Gusmão e São Gonçalo de Amarante. São esculturas cujo arco cronológico se reparte entre a segunda metade do século XVII e a segunda metade do século XVIII.

Na nave, dois altares colaterais e um lateral albergam devoções contemporâneas, representadas por modernas imagens: Virgem do Rosário de Fátima, Sagrado Coração de Jesus e Virgem das Dores. Salientamos, ainda, pelo seu valor patrimonial (escultura do século XVI) a imagem da Virgem do Rosário, junto ao púlpito.





A pintura assume um importante papel em Mancelos devido ao grande acervo disperso pelo espaço eclesial. Das cinco pinturas sobre madeira de castanho destacamos: o mártir *São Sebastião*, desnudo e sagitado; a *Virgem do Rosário* envolta numa orla amendoada formada por rosas, com o Menino ao colo; *São Martinho* em cátedra e a representação de *frei Bartolomeu dos Mártires*, cuja biografia nos informa ter estado particularmente ligado à edificação do convento de São Gonçalo, para o qual contribuíram os réditos de Mancelos. Há, ainda, uma em tela de li-

nho e que parece retratar a cena do milagre vulgarmente designado como *São Domingos é servido à mesa por anjos*, adotando como modelo para a composição a cena da Última Ceia, acentuando o papel que Domingos procurou assumir ao longo da sua vida como imitador de Cristo. De destacar ainda a figura de Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918) (p. 277), figura maior do Modernismo português, nascido em Manhufe (lugar de Mancelos) e que se encontra sepultado no cemitério junto ao Mosteiro de Mancelos.